

An aerial photograph of an archaeological excavation site. The ground is dark brown soil, and numerous light-colored, irregularly shaped stones and pebbles are scattered across the surface. A grid of thin white lines is overlaid on the site, indicating the layout of the excavation. A long, thin wooden rod or measuring tool is visible in the upper right quadrant. The overall scene is brightly lit, casting soft shadows.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétrea de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ACHEULENSE DE GRANDES LASCAS E O ACHEULENSE “TRADICIONAL” NO CENTRO DE PORTUGAL

Alexandre Varanda

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Alexvaranda91@gmail.com

Resumo

As recentes investigações do Acheulense na península Ibérica identificaram a presença de duas distintas indústrias. Uma onde os utensílios bifaciais são elaborados configurando seixos rolados e outra onde os suportes predominantes dos utensílios bifaciais são grandes lascas (Acheulense de Grandes Lascas).

Neste trabalho compara-se o Acheulense de Grandes Lascas do sítio da Quinta do Cónego com o Acheulense “tradicional” da Entrada do Vale da Serra na Gruta da Nascente do Rio Almonda, com o objectivo de perceber até onde vão as diferenças entre estas duas indústrias líticas acheulenses.

Palavras-chave: Paleolítico Inferior, Acheulense, Tecnologia Lítica, Tipologia Lítica.

Abstract

The recent Acheulean investigations in the Iberian peninsula identified the presence of two distinct industries. One where the bifaces are elaborated using pebbles blank, and another one where the predominant blank for bifaces are large flakes (Large Flake Acheulean).

This work compares the Large Flake Acheulean from the site of Quinta do Cónego with the “traditional” Acheulean of Entrada do Vale da Serra in the Almonda River Spring Cave, in order to understand how far go the differences between these two Acheulean lithic industries.

Keywords: Lower Paleolithic, Acheulean, Lithic Technology, Lithic Typology.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Desde as origens do estudo do Acheulense que a Europa foi o território privilegiado para o estudo deste tecno-complexo. Isto permitiu o longo desenvolvimento e consolidação de uma série de metodologias de estudo adaptadas à realidade existente nos conjuntos líticos do Acheulense Europeu (Bordes, 1961; Tavoso 1978; Roe, 1964).

Contudo a partir do segundo quartel do século XX, com o aumento das investigações em África, as metodologias desenvolvidas para o Acheulense europeu mostraram-se desadequadas para uma completa compreensão do Acheulense Africano, deste modo foram desenvolvidas novas metodologias para esta nova realidade (Tixier, 1956; Kleindienst, 1962; Isaac, 1969; Leakey, 1975).

Uma das diferenças mais significativas entre as duas realidades é a maior representatividade de utensílios sobre lasca no Acheulense Africano (Kleindienst, 1962; Isaac, 1969; Leakey, 1975; Roche e Tixier, 1991; Sharon, 2010).

Apesar de alguns trabalhos anteriores, apenas em 2010 foi avançada a primeira proposta para a definição de um Acheulense diferente do Europeu (Sharon 2010), que identificava 7 características do Acheulense de Grandes Lascas:

- 1. Grandes lascas são o principal suporte para a produção de utensílios bifaciais. Outros suportes são raros.
- 2. Os talhadores aplicavam uma grande variedade de predeterminados métodos de debitação na produção das grandes lascas.
- 3. Preferência para a elaboração de grandes lascas a partir de rochas de grão grosseiro, mesmo quando rochas finas se encontram disponíveis nas proximidades.
- 4. Entende-se por grande lasca uma que exceda os 10 cm de comprimento máximo. Nos sítios com Acheulense de grandes lascas existem frequentemente lascas destas dimensões não retocadas.
- 5. A configuração dos utensílios bifaciais é sumária, geralmente com retoques na face ventral

de modo a adelgaçar o bolbo de percussão. Os bifaces são geralmente mais configurados que os machados de mão, e retocados em ambas as faces.

– 6. A frequência de machados de mão é maior nos sítios com Acheulense de grandes lascas.

– 7. Bifaces ovóides são raros nas colecções acheulenses de grandes lascas. Com base nestes dados (e pressupondo uma função idêntica derivada da mesma morfologia) foi proposta a dicotomia de Machados de mão vs. Bifaces ovóides. Enquanto os machados de mão são característicos do Acheulense de grandes lascas, os bifaces ovóides são do Acheulense tradicional.

Além da definição, foi feita uma proposta cronológica para o Acheulense de Grandes Lascas com os dados das jazidas de África e do Levante. Esta marcava o fim deste Acheulense antes de 500 000 BP, sendo substituído pelo Acheulense Tradicional, com excepção da África Subsariana onde perduraram as indústrias de grandes lascas (Sharon 2010).



Figura 1 – Distribuição geográfica do Acheulense de Grandes Lascas, mapa superior antes de 0,5 MA, mapa inferior depois de 0,5 MA (Sharon 2010).

2. CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA

Os trabalhos sobre o Acheulense na península Ibérica iniciaram-se no século XIX, e desde então seguiram as metodologias desenvolvidas para o Acheulense existente em França.

A partir da segunda metade do século XX, começam a surgir as primeiras referências a semelhanças entre o Acheulense Ibérico e Africano, sempre assinalando a utilização de grandes lascas como suportes para utensílios bifaciais e a presença de machados de mão (Bordes, 1971; GEPP, 1975; Penalva, 1978).

As semelhanças entre as indústrias de grandes lascas ibéricas e as africanas são inequívocas. A presença de alguns utensílios, como os machados de mão e a importância da debitagem de grandes las-

cas para a configuração de utensílios, em alguns sítios assumem valores apenas comparáveis com o continente africano (Moloney, 1992; Cunha-Ribeiro, 1999; Sánchez-Cervera *et al.*, 2015). Uma evidência mais próxima é a representatividade dos machados de mão na Península Ibérica e no Norte de África. Esta é idêntica para ambas as margens do estreito de Gibraltar (Tixier, 1956; Balout, Biberson e Tixier, 1967). Contudo noutras jazidas os líticos recolhidos são semelhantes aos existentes no restante continente europeu além Pirenéus, sendo praticamente nula a representatividade de utensílios como machados de mão ou de grandes lascas (Cunha-Ribeiro 1997; Santonja e Pérez-González 2001; Monteiro-Rodrigues e Cunha-Ribeiro 2014; Santonja *et al.* 2017).

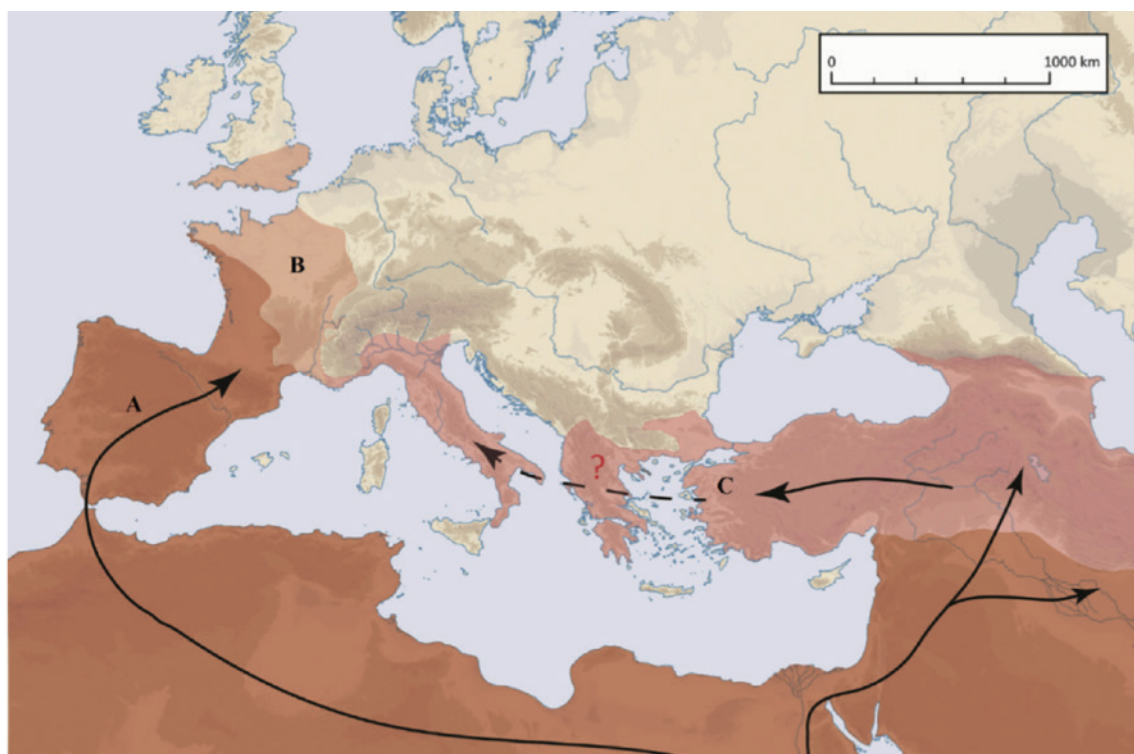


Figura 2 – Vias de entrada do Acheulense na Península Ibérica (Santonja *et al.* 2015).

Foram propostas duas formas de abordar estas semelhanças:

São duas ocupações diferentes, uma com origem na Europa Central, e outra com origem Africana (Sharon 2010; Arroyo e De La Torre 2013), Pres-

supondo uma travessia do estreito de Gibraltar durante o Plistocénico Médio (Santonja e Villa 2006; Doronichev e Golovanova 2010; Sharon 2011; Bar-Yosef e Belfer-Cohen 2013). Ou que se tratam de diferentes adaptações, por parte da mesma popu-

lação, à disponibilidade da matéria-prima existente na região (Villa, 1981).

Quando foi elaborada a proposta cronológica para o Acheulense de Grandes Lascas eram poucas as datações para o Acheulense Ibérico. Com os dados cronológicos aferidos nos últimos anos (Santonja e Villa 2006; Santonja e Pérez-González 2010; Hoffmann *et al.* 2013; Santonja *et al.*, 2016; Daura *et al.* 2017), parece que o Acheulense de grandes lascas coexistiu com o Acheulense tradicional, até há cerca de 150 000 anos na Península Ibérica (Rubio-Jara *et al.*, 2016; Santonja *et al.*, 2016; 2017 Sánchez-Cervera *et al.*, 2015; Daura *et al.* 2017), mas o início destas indústrias na Península Ibérica acontece há cerca de 500 000 anos, quando o Acheulense de Grandes Lascas desaparece do registo arqueológico a norte do deserto do Saara.

Este estudo pretende perceber se o Acheulense de grandes lascas corresponde a uma população distinta do Acheulense tradicional (ou de influencia europeia), ou se a condicionante da matéria-prima disponível dá origem a várias indústrias líticas utilizadas pela mesma população de homínidos.

3. METODOLOGIA

O presente estudo pretende comparar o Acheulense de Grandes Lascas (de origem africana) e o “Acheulense tradicional” (de origem europeia).

Assumindo este objectivo seleccionou-se um sítio em que o prévio estudo do espólio o integra nas características do Acheulense de Grandes Lascas, sendo este a Quinta do Cónego em Leiria. E um outro cujas colecções se integram no Acheulense “Tradicional”, a Entrada do Vale da Serra (EVS), no complexo cársico da nascente do rio Almonda em Torres Novas.

Foi feita uma análise tecno-tipológica que iniciou essencialmente nos utensílios bifaciais. Ambas as colecções têm aproximadamente a mesma representatividade destes artefactos e trata-se do utensílio onde a amostragem permite uma melhor comparação.

Os restantes elementos líticos, em ambas as jazidas, foram detectados problemas na amostragem, impedindo a correcta leitura do conjunto.



Figura 3 – Localização dos sítios arqueológicos presentes neste estudo.

4. QUINTA DO CÓNEGO (QDC)

O sítio arqueológico Quinta do Cónego localiza-se no concelho de Leiria, freguesia de Cortes. Foi descoberto por Manuel Heleno que recolheu à superfície materiais líticos talhados (Heleno, 1956; Machado, 1965; Pereira, 1977). Foi relocalizado na elaboração da carta geológica da região, onde também foram recolhidos materiais arqueológicos (Teixeira e Zbyszewski, 1968; Zbyszewski e Veiga Ferreira 1969; Zbyszewski *et al.*, 1980).

Nos anos 80 o sítio foi estudado por Cunha Ribeiro, que efectuou trabalhos de prospecção e escavação que exumou os 774 artefactos abordados neste trabalho (Cunha-Ribeiro, 1991, 1992, 1993, 1999).

O sítio arqueológico está integrado num terraço de acumulação fluvial na margem direita do rio Lis com um sequencia de 3 camadas estratigráficas:



Figura 4 – Vista aérea da Quinta do Cónego.

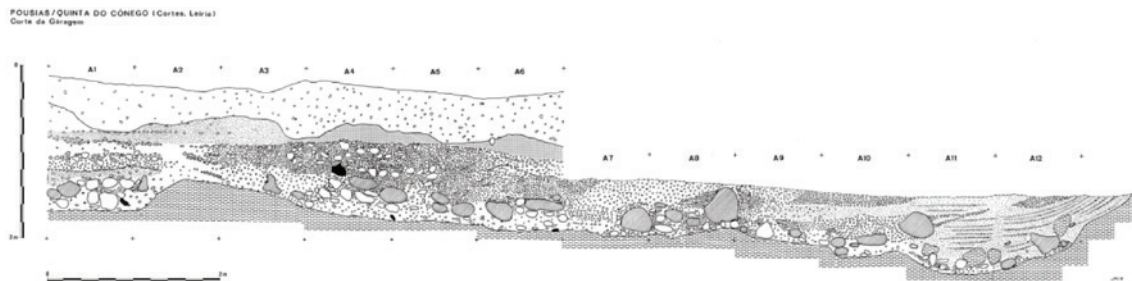


Figura 5 – Perfil da escavação da Quinta do Cónego (Cunha Ribeiro 1991).

A camada 1 corresponde ao substrato geológico Jurássico. A camada 2 é a acumulação de sedimento do terraço, com materiais arqueológicos acheulenses integrados na formação quaternária. A camada 3 trata-se de sedimento coluvionar que cobriu o terraço, também com materiais arqueológicos acheulenses integrados na formação (Cunha-Ribeiro 1991, pp. 11-12).

A maioria das peças líticas talhadas, encontradas na escavação e na limpeza de corte, surgem na base da camada 2. Foi identificada uma possível segunda ocupação na camada 3.

Os materiais líticos acheulenses estão em duas camadas separadas, podem corresponder a duas

ocupações separadas, ou o sedimento coluvionar pode ser proveniente da erosão de uma área mais elevada do mesmo terraço.

Os materiais líticos em ambas as camadas são praticamente idênticos, existem machados de mão e bifaces consideravelmente nas mesmas proporções face ao total dos conjuntos líticos talhados. Foi assinalada a existência de levallois na camada 3, mas estes artefactos foram recolhidos à superfície, não estando necessariamente associados com a camada estratigráfica (Cunha-Ribeiro, 1991). Não existindo diferenças entre as duas camadas foi estudada a colecção como o mesmo conjunto pertencente ao Acheulense de Grandes Lascas.

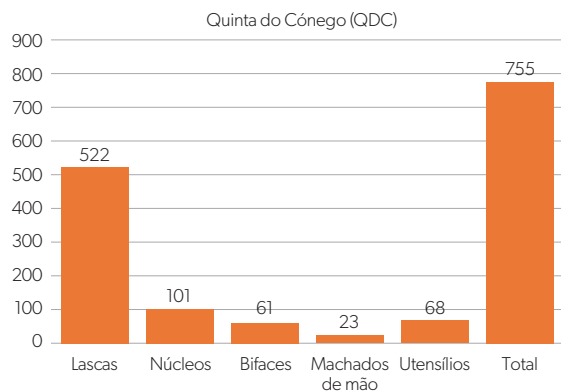


Figura 6 – Materiais líticos da Quinta do Cónego.

5. ENTRADA DO VALE DA SERRA (COMPLEXO CÁRSICO DA NASCENTE DO ALMONDA)

A Entrada do Vale da Serra está integrada no sistema cársico da nascente do rio Almonda. Freguesias de Zibreira e Pedrogão no concelho de Torres Novas.

O complexo cársico foi identificado nos anos 40, durante a construção de uma represa para a fábrica de papel Renova (Paço *et al.* 1947; Guilaine e Veiga Ferreira 1970). Os sectores da Entrada do Vale da Serra foram descobertos por trabalhos de espeleologia em 1989. A área de dispersão dos materiais foi dividida em quatro *loci* adjacentes: Galeria das Lâminas, Cone, Caos de Blocos (ou Escorrimento) e Praia dos Bifaces (Zilhão *et al.*, 1991, 1993).

A acumulação de materiais neste sítio iniciou-se com um abatimento no interior da gruta, que formou um algar até à superfície onde originalmente estava o sítio arqueológico. São visíveis enormes blocos desde a base da Galeria da lamina até à Praia dos Bifaces que evidenciam este abatimento. Esta conexão provocou a acumulação na base do algar de sedimento, junto com líticos talhados e faunas, proveniente da superfície, formando o Cone. As datações das faunas sugerem que este

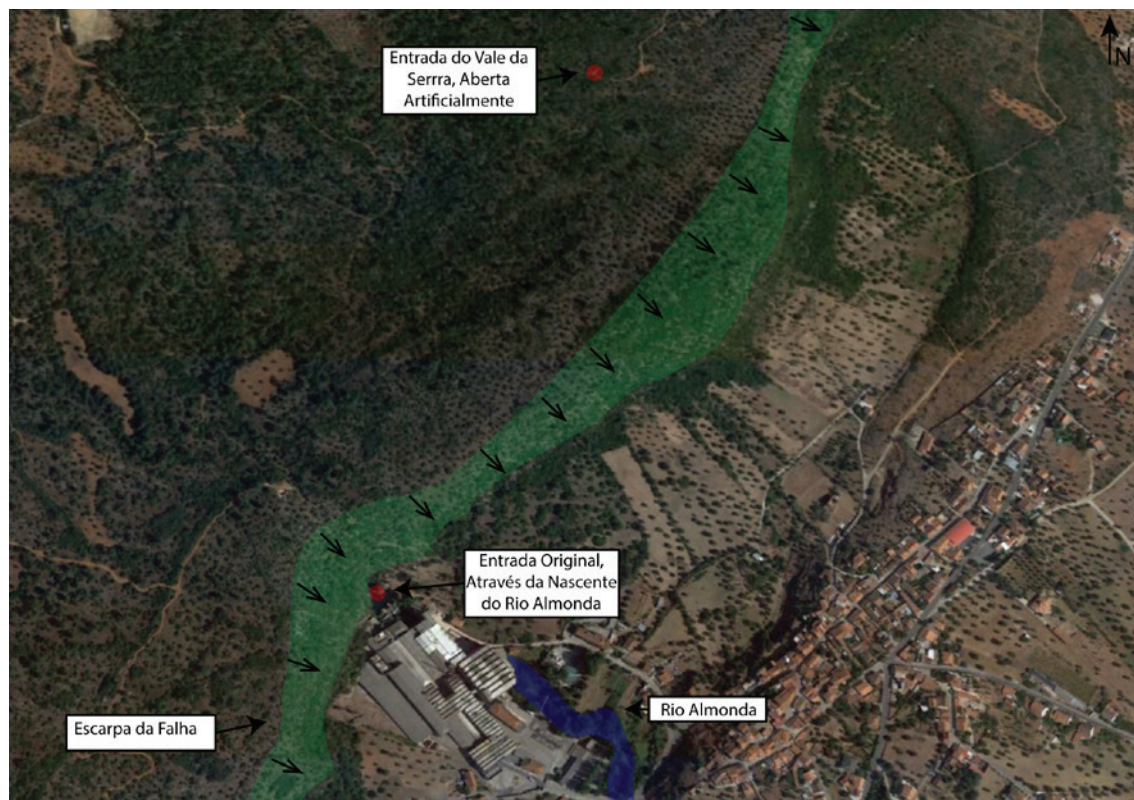


Figura 7 – Vista aérea da Entrada do Vale da Serra.

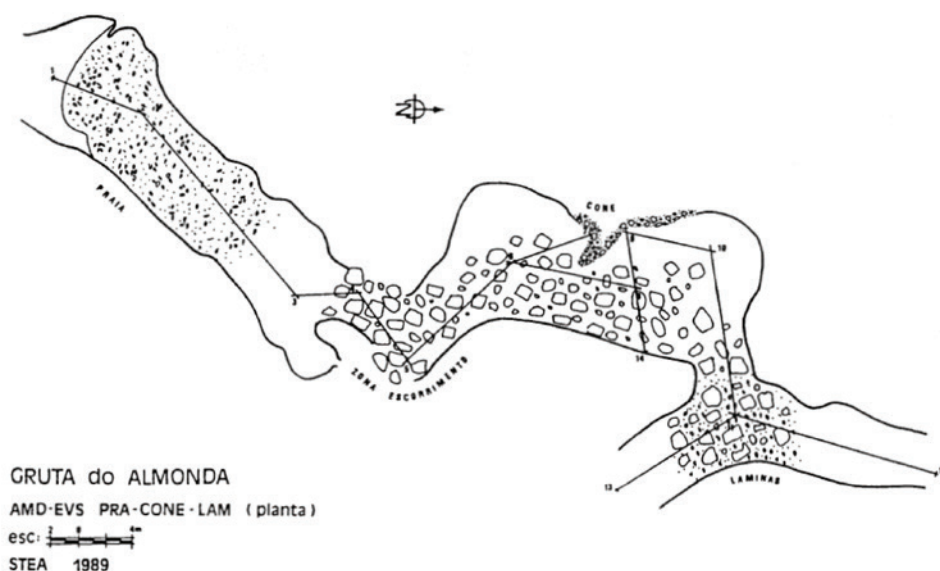


Figura 8 – Planta do interior da gruta, com a distribuição dos sectores (Zilhão *et al.* 1991).

evento teve lugar entre 190 000 e 130 000 BP. Posteriormente o rio subterrâneo erodiu os sedimentos do Cone espalhou os materiais arqueológicos para montante do carso na Galeria das Lâminas. E para jusante do carso nos sectores Escorrimento e Praia dos Bifaces. Neste último sector uma concha natural bloqueou o transporte sedimentar do rio. A contínua acção do rio durante o Inverno, que submergia este sector explica o grau de rolamento aliado a uma patine negra do manganês existente nos materiais recolhidos. Seguiu-se uma nova fase de acumulação no Cone, sedimento vindo da superfície com faunas (essencialmente *Cervus elaphus*) e materiais líticos associados a indústrias de pequenas lascas. A datação das faunas (75 000 a 30 000 BP) em associação com as indústrias líticas indicam tratar-se de um momento já durante o Paleolítico Médio. No final desta fase a colmatagem do algar terminou com o transporte de sedimento vindo da superfície. Depois deste momento o nível freático baixou, apenas o sector da Praia dos Bifaces continuou a ser inundado durante o Inverno. A erosão dos restantes sectores a partir deste momento deve-se sobretudo a escorrências de água ao longo das paredes da gruta (Zilhão, Maurício e Souto, 1993).

Em 1990 procurou-se identificar à superfície a origem do sítio arqueológico. Foi identificada uma dolina e realizada uma sondagem para aferir a sua potencialidade arqueológica. Foi confirmada a existência de um poço rolhado, que era visível desde o interior da gruta, contudo, à superfície não foram detectados materiais arqueológicos correspondentes ao do interior da gruta (Zilhão, Maurício e Souto, 1993)

Além das recolhas superficiais realizadas desde então no interior do carso, foram feitas também aí duas sondagens, uma na Praia dos Bifaces em 1989, e a outra no Cone, em 1990. Contudo, os materiais recolhidos eram escassos.

Nos sectores da Praia dos Bifaces, Escorrimento, e Galeria das Lâminas as faunas recolhidas são exclusivamente dentes de *Equus caballus*, *Capra ibex* e uma lamela de molar de um *Elephas sp.* Por outro lado no sector do Cone a espécie predominante é o *Cervus elaphus* e além de dentes também estão preservados fragmentos de ossos e de chifres (Zilhão *et al.*, 1991, 1993).

Foram realizadas datações por Urânio – Tório nos vestígios osteológicos das diferentes áreas da estação, com os seguintes resultados (Zilhão, Maurício e Souto, 1993).

Sector	Amostra	Resultado
Cone	231E1	35 000 ± 2 000
Galeria das Lâminas	229E1	136 000 ± 8 000
Escorrimento	228E1	160 000 ± 14 000
Praia dos Bifaces	230E1	170 000 ± 13 000

Figura 9 – Datações dos sectores da Entrada do Vale da Serra (Zilhão *et al.* 1993).

Apesar de não se encontrarem directamente relacionados os sectores da Entrada do Vale da Serra estão no mesmo complexo cársico que a gruta da Aroeira, onde surgem associados a faunas e à recente descoberta de um fóssil humano materiais Acheulenses (Daura *et al.*, 2017), com uma idade mínima de $417.7+37.3/-27.5$ ka para a formação do contexto, datado por séries de urânio (Hoffmann *et al.*, 2013; Daura *et al.*, 2017).

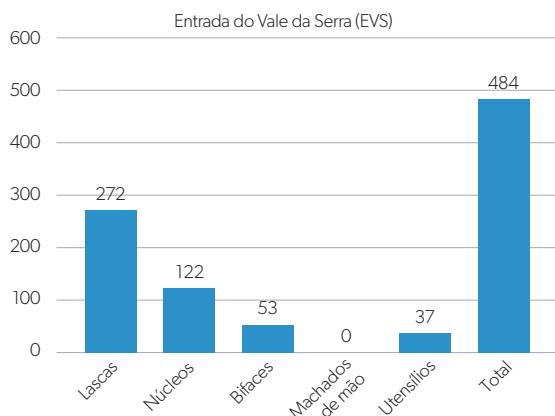


Figura 10 – Materiais Líticos da Entrada do Vale da Serra.

6. RESULTADOS

Quinta do Cónego

A matéria-prima mais utilizada na Quinta do Cónego é o quartzito, bastante abundante na região. Apesar da presença de sílex a relativamente curtas distancias do sitio, esta matéria-prima é pouco representativa na colecção.

Num machado de mão foi identificada a matéria-prima, sílex do Bajociano, cujo afloramento mais próximo encontra-se 10 quilómetros a Oeste. O que indica que alguns artefactos podem ter sido transpor-

tados para o local e não configurados com matéria-prima local.

O número de extracções visíveis nos núcleos é superior ao da totalidade das lascas da colecção, sendo que em relação às 716 extracções visíveis nos núcleos, estão presentes 640 lascas.

O número de levantamentos exclui as extracções nos fragmentos de núcleos e na configuração de utensílios. Além do mais, o número de extracções é apenas aferido com base nas extracções visíveis no estado actual dos núcleos, muitas mais podem existir.

Os suportes utilizados para a configuração de bifaces têm uma maior variabilidade do que seria esperado. Apesar da forte presença de grandes lascas, os seixos representam uma parte significativa dos suportes. Não foram identificados padrões que indicassem uma maior intensidade de talhe para adquirir uma morfologia específica. Por outro lado, a amplitude de talhe nalgumas peças entra em discordância com outra das premissas de Sharon, que refere a pouca intensidade das operações de configuração após a extracção da lasca suporte (Sharon, 2010). (Figura 11)

Nos machados de mão as operações de configuração são sumárias, nenhuma das peças têm a totalidade dos bordos retocada bifacialmente, são utensílios bastante expeditos, fáceis e relativamente rápidos de talhar. A excepção corresponde a um machado de mão do tipo V de sílex, que se integra na hipótese do transporte de materiais já configurados, a partir de outros sítios.

Apesar da extremidade distal dos bifaces ser sobretudo apontada (26 peças), os bifaces com gume transversal representam uma boa parte da amostragem.

Existe uma discordância entre a configuração dos bifaces e a dos machados de mão. Enquanto os segundos se enquadram nas características aferidas para o Acheulense de Grandes Lascas, com a presença de uma forte componente de pré-determinação da lasca suporte, nos bifaces sobre lasca desta colecção não se verifica um enquadramento neste conceito de pré-determinação da lasca suporte (Sharon, 2010).



Figura 11 – Líticos talhados da Quinta do Cónego. 1 – machado de mão do tipo 5 em sílex, 2 – biface em quartzito, 3 – Raspador bilateral convergente em quartzito.

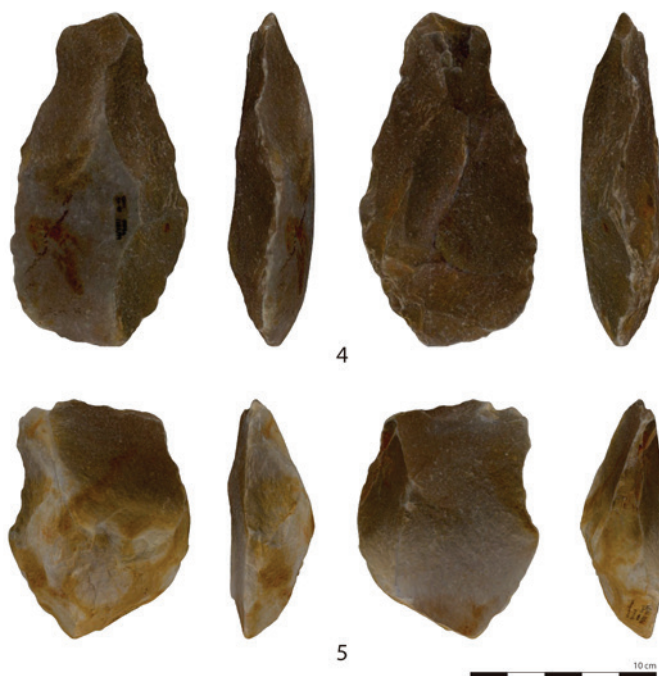


Figura 12 – Líticos talhados da Quinta do Cónego. 4 – biface em quartzito, 5 – machado de mão tipo 1 em quartzito.

A Quinta do Cónego assemelha-se ao Acheulense de Grandes Lascas se considerarmos a escolha da matéria-prima, a proporção de machados de mão, a existência de grandes lascas não retocadas e dos grandes núcleos. Contudo os machados de mão coexistem com os bifaces de gume transversal e o suporte da generalidade dos bifaces está longe de ser exclusivamente de grandes lascas. Do mesmo modo, as operações de configuração também revelam uma maior complexidade do que os sumários levantamentos que supostamente existiriam no Acheulense de Grande Lascas.

Entrada do Vale da Serra

A principal matéria-prima utilizada é o quartzito sob a forma de seixos rolados, que é bastante abundante nos depósitos fluviais quaternários que existem mais a jusante do rio (Manuppella, Zbyszewski e Veiga Ferreira, 1974) apesar de existir sílex, uma rocha de grão fino, com melhores características para talhar, a uma curta distancia da jazida (Matias, 2016)

O número de extracções existentes nos núcleos é de 1371 enquanto as lascas são apenas 313. A enorme intensidade de talho nos núcleos pode ser justificada pela ausência de matéria-prima in situ, ela teria de ser transportada, levando os talhadores a esgotarem os suportes ao máximo.



Figura 13 – Líticos talhados da Entrada do Vale da Serra. 6 – biface parcial em quartzito, 7 – biface de gume transversal em quartzito.

A quantidade de utensílios sobre lasca e bifaces sobre lasca é relativamente alta face aos outros suportes. Alguns destes artefactos atingem dimensões consideráveis, mesmo quando produzidos em lascas que aparentemente não ultrapassariam os 10 cm.

A extremidade dos bifaces é essencialmente pontiaguda, quando seria de esperar uma maior re-

presentatividade de bifaces de bisel terminal, para fazer face à ausência de machados de mão. As lascas são o principal suporte para utensílios. Os seixos são usados para a manufatura de chopper, chopping tools e utensílios apontados. A existência de grandes lascas restringe-se aos bifaces (que ainda assim têm outros suportes bastante expressivos), não existem machados de mão na jazida.

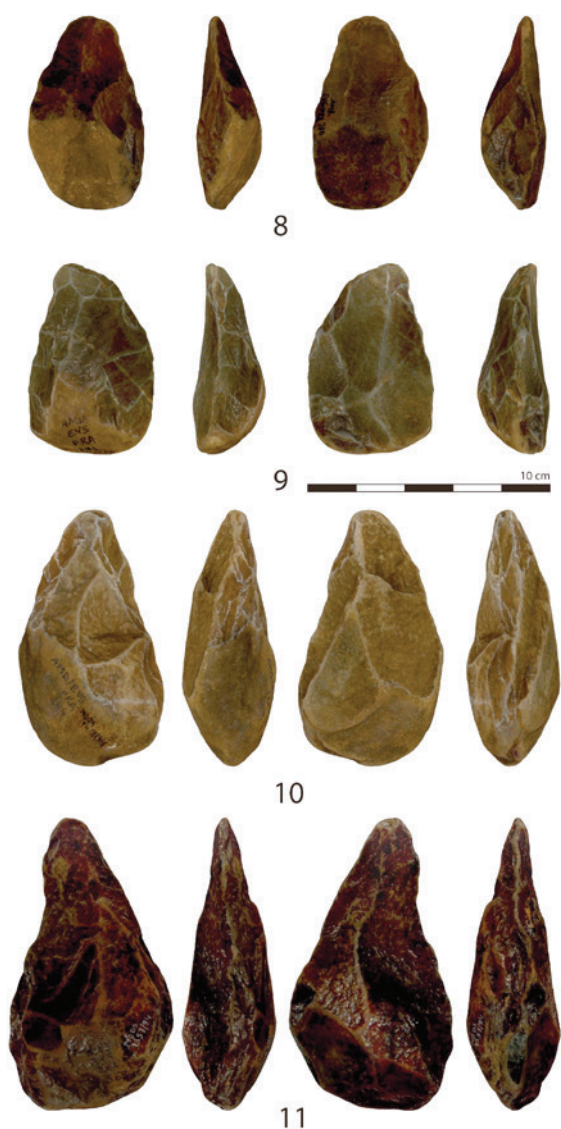


Figura 14 – Bifaces em quartzito da Entrada do Vale da Serra.

7. COMPARAÇÃO

Em ambas as colecções o quartzito é a matéria-prima predominante. Apesar da existência de sílex nas proximidades,

O estado físico das colecções é maioritariamente muito rolado, as peças pouco roladas ou com arestas vivas são residuais.

Nos restantes grupos os materiais seguem as

mesmas tendências nos parâmetros descritivos, a única diferença aparente é a dimensão, são maiores na quinta do cónego que na Entrada do Vale da Serra.

Os núcleos são mais explorados na Entrada do Vale da Serra (média de 11 levantamentos por núcleo) que na Quinta do Cónego (média de 8 levantamentos por núcleo).



Figura 15 – Resultados gerais da comparação entre a Quinta do Cónego (QDC) e a Entrada do Vale da Serra (EVS).

No Almonda a representatividade dos bifaces sobre seixo é superior à dos bifaces sobre lascas, enquanto na jazida da Quinta do Cónego esta realidade parece estar invertida, com os bifaces que utilizam grandes lascas como suporte a atingirem uma preponderância bastante superior à dos bifaces sobre seixo.

Os bifaces da Quinta do Cónego são tendencialmente de maiores dimensões que os da Entrada do Vale da Serra. Esta realidade é visível tanto no índice Comprimento – Largura como no de Espessura – Perímetro Total. Estes índices são idênticos para qualquer tipo de suporte. A distribuição do perímetro total e o perímetro do gume também seguem a mesma tendência.

A intensidade da configuração é bastante heterogénea em ambas as jazidas. As peças mais assimétricas podem ter uma grande intensidade de talhe, assim como as mais simétricas contam apenas com sumários levantamentos, e vice-versa. Também não foi encontrada em ambas as indústrias nenhuma relação entre a intensidade do talhe e o suporte do biface. Os bifaces da Quinta do Cónego apresentam maior expressividade na totalidade dos bordos retocada. Os da Entrada do Vale da Serra limitam-se a retocar a área mesial e distal numa maior quantidade de artefactos.

A morfologia da extremidade distal dos bifaces apresenta características similares para as duas colecções. A mais comum é a apontada, segue-se a arredondada e por último a transversal.

A extremidade proximal é também idêntica nos materiais líticos dos dois sítios. A principal forma é a convexa sendo cortante em aproximadamente um terço dos bifaces (embora com uma diferença mais significativa entre cortantes e não cortantes na Gruta do Almonda). Não foi encontrada nenhuma relação entre a base do biface ser retocada e a cortante, em alguns casos esta última característica decorre do suporte utilizado, e noutros casos os retoques incidiram precisamente para suprimir o gume da extremidade proximal.

Nos bifaces sobre lasca há a tendência para suprimir o bolbo de percussão, em mais de metade dos bifaces sobre lascas de cada jazida. Contudo preservam-se talões corticais e lisos nas duas indústrias líticas estudadas.

Na Gruta do Almonda existe uma maior expressividade dos utensílios sobre seixo ou suporte indeterminado, que na Quinta do Cónego.

A distribuição métrica continua a demonstrar a maior dimensão dos artefactos na Quinta do Cónego, contudo, nesta situação a diferença está mais esbatida.

As poucas diferenças que existem na representatividade dos suportes utilizados na configuração de bifaces e de utensílios pode ser justificada por condicionantes da matéria-prima existente na região.

Aliado à condicionante anterior está o facto de que observando as restantes características destes materiais não existem divergências estatisticamente significativas. As extremidades distais dos bifaces têm a mesma morfologia, assim como os parâmetros aferidos nas extremidades proximais, assumem uma representatividade idêntica nas duas jazidas.

A diferença mais significativa entre as colecções é a ausência de machados de mão da Entrada do Vale da Serra. Esta realidade teria de ser compensada por um maior número de bifaces de bisel terminal. Não é o caso. A representatividade de bifaces com a extremidade distal transversal é praticamente idêntica em ambas as jazidas. Uma diferença é a presença de choppers e chopping tools na Entrada do Vale da Serra e a ausência destes utensílios na Quinta do Cónego. Contudo, assim como nos bifaces de gume transversal, a representatividade de chopping tools e choppers, é baixa comparada com os 23 machados de mão existentes na Quinta do Cónego.

O grau de rolamento das peças limita o estudo de algumas características como retoques, ou marcas de uso dos artefactos. No caso dos sectores da Entrada do Vale da Serra um outro problema foi a pátina negra deixada pelo manganês nas peças exumadas.

8. CONCLUSÃO

A Quinta do Cónego não se integra plenamente na definição de Acheulense de Grandes Lascas (Sharon 2010). O uso de outros suportes, além de lascas, para a produção de bifaces é bastante representativo no conjunto. Mesmo quando estão disponíveis grandes seixos para extrair grandes lascas, estas não são a única opção para suportes de bifaces. Já foram identificadas mais estações acheulenses com o mesmo paradigma (Cunha-Ribeiro, 1999; GEPP 1975; Salvador 2002; Varanda e Andrade 2017; Monteiro Rodrigues, 1996).

Apenas nos machados de mão é visível uma pré-determinação do suporte, nos bifaces existe muita variabilidade de lascas e de operações de configuração que dificultam aferir qualquer pré-determinação do suporte.

Os Machados de mão não aparentam substituir os bifaces com extremidades distais arredondadas e transversais, uma vez que coexistem no sítio e continuam a representar uma boa parte do total de bifaces.

De qualquer modo existem semelhanças com o Acheulense de Grandes Lascas Africano:

As principais matérias-primas escolhidas são rochas grosseiras como o quartzito. Os utensílios em rochas de grão fino como o sílex são minoritários.

Existem no sítio grandes lascas em bruto. Podem tratar-se de utensílios já finalizados, com a morfologia pré-determinada, ou de suportes descartados.

A representatividade dos machados de mão nos utensílios bifaciais e no total da colecção também se enquadra no que é o Acheulense de Grandes Lascas.

Os machados de mão tornaram-se um fóssil director da presença do Acheulense de grandes lascas. Devido a este factor inicialmente pretendia-se uma comparação entre uma jazida de Acheulense de grandes lascas como a estação paleolítica da Quinta do Cónego, com uma outra de Acheulense tradicional sem machados de mão, neste caso os sectores da Entrada do Vale da Serra na Gruta do Almonda. Contudo quando comparados os sítios averiguou-se que além da ausência de machados

de mão no segundo sítio, poucas são as diferenças entre ambas as colecções. Podem até tratar-se de peças talhadas pelos mesmos grupos de homínidos, mas condicionados pela matéria-prima, foram forçados a redimensionar os seus utensílios.

Estes resultados não coincidem com um estudo semelhante realizado entre a estação de El Sotillo (com utensílios elaborados a partir de grandes lascas) e a de Albalá (onde os utensílios são elaborados sobretudo com a configuração de seixos), em Espanha (Arroyo e De La Torre, 2013). Nesse estudo não existe uma diferença métrica visível entre os utensílios dos dois sítios, a diferença reside na escolha do suporte utilizado, mesmo quando as mesmas matérias-primas estão presentes na região.

A ausência de machados de mão, e da utilização de lascas menores de 10 cm como suporte para bifaces nos sectores estudados da Gruta do Almonda pode ser justificada pela condicionante da matéria-prima. E pode-se pôr a possibilidade de uma substituição dos machados de mão por choppers e chopping tools.

Os machados de mão e os bifaces de gume transversal, são utensílios que partilham a mesma área funcional (a extremidade distal do artefacto). Tendo em consideração que a maioria dos machados de mão são utensílios bastante expeditos, com poucas operações de configuração, não se pode deixar de assinalar que os choppers e chopping tools têm também uma simples configuração para definir a sua área funcional. Os bifaces ovais e de gume transversal, por outro lado, são bastante configurados e o seu talhe ocuparia mais tempo que o dos utensílios referidos anteriormente.

Existem semelhanças entre estes conjuntos líticos e o Acheulenses de grandes lascas africano, como a elevada representatividade de machados de mão e o uso de grandes lascas como suporte para bifaces. A presença destas grandes lascas nesta margem do estreito, apesar das diferenças entre as estações paleolíticas em que elas estão representadas, sugere a eventual travessia do estreito de Gibraltar (Santonja e Villa 2006; Dornichev e Golovanova 2010; Sharon 2011; Bar-Yosef e Belfer-

-Cohen 2013). Mas não fica descartada a possibilidade de um desenvolvimento peninsular destas indústrias. As diferenças averiguadas nos conjuntos líticos revelam uma maior variabilidade na escolha dos suportes por parte dos talhadores na Península Ibérica, assim como a ausência de machados de mão numa determinada jazida não indica obrigatoriamente que se trate de uma realidade diferente.

Uma outra diferença não menos significativa entre o Acheulense Ibérico e o Africano surge quando analisamos as datações propostas para estas indústrias. Aparentemente o Acheulense de grandes lascas só começa na Península Ibérica depois de 0,5 Ma. (Santonja e Villa 2006; Santonja e Pérez-González 2010), é exactamente a cronologia em que ele desaparece nas jazidas africanas (Sharon, 2010). Este desfasamento cronológico é difícil de explicar. São, todavia, necessárias mais datações e mais estudos dos conjuntos líticos para perceber na realidade o que é o Acheulense de grandes lascas na Península Ibérica. E caso os sectores da Entrada do Vale da Serra na Gruta do Almonda se integre nesta realidade (como proposto) as datações efectuadas nos vestígios osteológicos da jazida, fornecem uma data de formação do contexto arqueológico posterior ao fim do Acheulense de grandes lascas em África.

A integridade das duas colecções é um caso problemático. São contextos secundários, cujas condições de formação podem eliminar dados do registo arqueológico, contudo os restantes trabalhos que abordaram este tema na Península Ibérica têm o mesmo problema, pois também correspondem essencialmente a contextos de deposição secundária (Arroyo e De La Torre 2013; Rubio-Jara *et al.* 2016).

O uso de machados de mão como fósil director do Acheulense de grandes lascas deve ser revisto, tendo em consideração as condições específicas para o seu fabrico. Seixos rolados de grandes dimensões não surgem em todos os contextos e a mobilidade das populações Acheulenses não estaria aparentemente condicionada pela sua existência.

A Península Ibérica permanece um caso paradigmático das investigações do Paleolítico Inferior,

pois encontra-se na confluência de duas possíveis rotas de chegada das populações acheulenses.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, A. e DE LA TORRE, Ignacio (2013) – Acheulean large flake technology in campo de calatrava (Ciudad Real, Spain), *Archaeology, Ethnology and Anthropology of Eurasia*. Elsevier, 41(4), pp. 2-10.

BALOUT, L., BIBERSON, P. E TIXIER, J. (1967) – L’Acheuléen de Ternifine (Algérie), gisement de l’Atlantrophe, *L’Anthropologie*, vol. 71, nº 3-4, pp. 217-237.

BORDES, François (1971) – Observations sur l’Acheuléen des grottes de Dordogne, *Munibe*, San Sebastián, 23(1), pp. 5-23.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1991) – Intervenção Arqueológica na Estação Acheulense da Quinta do Cónego / Pousias, (Cortes, Leiria). *Portugália*, Nova Série, 11-12, Porto, pp. 7-25.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1992) – O Paleolítico no vale do rio Lis, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 9, pp. 401-462.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1993) – Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do Lis no seu contexto crono-estratigráfico, *Portugália*, Nova Série, 13-14, Porto, pp. 7-137.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1997) – Os machados de mão no paleolítico inferior português, *Portugália*, Nova Série, 17-18, Porto, pp. 13-40.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal: o Vale do Lis. Contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemática do seu contexto cronoestratigráfico*. Tese Lisboa: Universidade de Lisboa. 3 vols, 692 p.

DAURA, Joan; SANZ, Montserrat; ARSUAGA, Juan Luis; HOFFMANN, Dirk L.; QUAM, Rolf M.; ORTEGA, María Cruz; SANTOS, Elena; GÓMEZ, Sandra; RUBIO, Angel; VILLAESCUSA, Lucía; SOUTO, Pedro; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Filipa; FERREIRA, Artur; GODINHO, Paulo; TRINKAUS, Erik; ZILHÃO, João (2017) – New Middle Pleistocene hominin cranium from Gruta da Aroeira (Portugal), *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 114(13), pp. 3397-3402.

DORONICHEV, V. E GOLOVANNOVA, L. (2010) – Beyond the Acheulean: A view on the Lower Paleolithic occupation of Western Eurasia, *Quaternary International*, 223–224, pp. 327–344.

GEPP (1975) – O estudo do Paleolítico da área do Ródão, *O Arqueólogo Português*. 3a série, 7-9, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 31-47.

- GUILAINE, Jean e VEIGA FERREIRA, Octávio da (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal, *Bulletin de la Société préhistorique française*, 67, pp. 304-322.
- HELENO, Manuel (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica, *O Arqueólogo Português*, 2a Série, 3, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 221-237.
- HOFFMANN, D. L., PIKE, A. W. G., WAINER, K., ZILHÃO, João (2013) – New U- series results for the speleogenesis and the Palaeolithic archaeology of the Almonda karstic system (Torres Novas, Portugal), *Quaternary International*, 294, pp. 168-182.
- ISAAC, Glyn L. (1969) – Studies of early culture in East Africa, *World Archaeology*, 1, pp. 1-28.
- KLEINDIENST, M. R. (1962) – Components of the East African Acheulean Assemblage an Analytic Approach, in *Actes du IV^{ème} Congrès Panafricain de Préhistoire et de l'Etude du Quaternaire*, 42 Mortelmans, G., Éd., Musée royal de l'Afrique centrale – Tervuren (Belgique), 40, pp. 81-111.
- LEAKEY, Mary D. (1975) – Cultural patterns in the Olduvai sequence, in *After the Australopithecines*, Paris, pp. 477-493.
- MACHADO, J. L. S. (1965) – Subsídios para a história do Museu Etnográfico do Dr. Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, 5, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 51-448.
- MANUPPELLA, Giuseppe, ZBYSZEWSKI, George, VEIGA FERREIRA, Octávio (1974) – *Carta geológica de Portugal na escala 1/50000*. Notícia explicativa da folha 27-A (Vila Nova de Ourém), Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, pp. 82.
- MATIAS, Henrique (2016) – Raw material sourcing in the Middle Paleolithic site of Gruta da Oliveira (Central Limestone Massif, Estremadura, Portugal), *Journal of Lithic Studies*, vol. 3, no. 2, pp. 20.
- MOLONEY, N. (1992) – Lithic production and raw material exploitation at the Middle Pleistocene site of El Sartalejo, Spain, *Papers from the Institute of Archaeology*, 3, pp. 11-22.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (1996) – *Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do rio Caia (Alto Alentejo – Portugal)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio e CUNHA-RIBEIRO, João Pedro da (2014) – a Estação Paleolítica Do Cerro (Vila Nova De Gaia, Noroeste De Portugal): Caracterização Preliminar Dos Utensílios, *Estudos do Quaternário*, 11, Braga, pp. 3-18.
- PAÇO, Afonso; VAULTIER, Max; ZBYSZEWSKI, George (1947) – Gruta da Nascente do Rio Almonda, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11, Porto, pp. 171-187.
- PENALVA, Carlos (1978) – Os machados do Paleolítico do Norte de Africa e a sua expansão na Europa ocidental, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 43, pp. 413-436.
- PEREIRA, M. A. H. (1977) – Departamento de Pré-história. Relatório em Dezembro de 1974. Reorganização das colecções, *O Arqueólogo Português*, 3^a Série, 6-7, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt